

# A Expedição

Escrever sobre a Operação Tatus, realizada pelo CEU em 1975, é algo que emociona. Afinal, a primeira expedição é mais ou menos como primeira namorada: agente nunca esquece! Embora não tenha participado da equipe interna, que permaneceu no interior da caverna Santana durante quinze dias, tive a chance de poder contribuir no planejamento, na montagem das bases interna e externa, no apoio logístico e do desmonte da base, ao final dos trabalhos. Em resumo: trabalho para uma "mula béstia", mas valeu a pena cada momento!

A expedição Tatus tinha como objetivos completar a exploração da caverna, estudar e coletar dados de bioespeleologia, geoespeleologia, verificar o comportamento humano durante a permanência prolongada da equipe no interior da gruta, observar a evolução do ciclo vigília-sono num ambiente excepcional, testar alguns equipamentos e técnicas de exploração. A expedição descobriu novos salões e galerias, fazendo desta caverna uma das mais belas do mundo.

Após semanas de discussões, planejamento e preparativos, era chegado o momento de transportar toda a carga até o local. O CEU contou com a colaboração de diversas empresas, através de doações de equipamentos, filmes, etc... Isso sem falar no "esforço extra" dos bolsos dos participantes. Do bloco residencial do CRUSP até o caminhão (emprestado pela SUDELPA) formou-se uma corrente humana, que de mão em mão, carregava tudo com grande euforia. Ao anoitecer, Sérgio Beck e eu, seguimos no caminhão. Outros seguiriam de carro, mais tarde.

Estava amanhecendo quando começamos a desenrolar a lona. Pouco a pouco os demais foram chegando. Entre eles, Hélio Shimada, acompanhado de dois espeleólogos japoneses. Era o "reforço", diretamente do oriente para o vale do Betari. E que reforço! Os caras não só vestiram como também suaram a camisa da expedição! O transporte foi realizado quase que integralmente pelo trecho do rio. Ao final, a carga era erguida por um sistema de polias até o acampamento base dia seguinte, foi instalado um cabo telefônico emprestado pelo exército. Mas, o fio teve que ser puxado através da rede seca da caverna. A cada instante, um novo "enrosco" nos obrigava a voltar e a soltá-lo de algum. Isso nos consumiu horas de trabalho. Cada participante-se ao máximo e ao final de dois dias o serviço fora completado.

Após uma semana, um ônibus e alguns carros levaram os participantes das duas equipes. A estradinha que desce até próximo à Santana era um lamaçal só! O ônibus não desceu. O pessoal e o restante da carga foi transportado nos carros. Meu fusca, equipado com correntes, não deu trabalho, mas os carros com tração dianteira...

As despedidas foram efusivas! Eram onze espeleólogos e um destino: Beck, Walter, Clayton, Geraldo Gusso (Peninha), Mauro, Rosely, Zélia, Tereza, Eleonora, Marieta e Cecilia. Na equipe externa estavam: Oliva, Ivo Karman, Sérgio e Guilherme P. Coelho,

Verena, Maia, Marina, Hélio, Hugo, Miguel Gukovas, Vandir (do Bairro da Serra) e eu. Também davam as caras por lá a velha guarda da SBE, como o Guy Collet e o Pierre Martin. A equipe externa tinha como função dar todo o apoio logístico necessário para o bom andamento dos trabalhos. Alguns só podiam estar lá nos finais de semana, por motivo de trabalho, meu caso por exemplo. Estes estavam proibidos de falar ao telefone, para não fornecer indícios aos "internos" de que já haveria se passado uma semana, uma vez que não possuíam relógio no acampamento base.

A experiência de permanecer por 15 dias sem nenhum contato com relógio forneceu dados bastante curiosos. Privados do sol, o ser humano passa a ser controlado por um ciclo que não coincide com o nosso dia de 24 horas. Quando já eram transcorridos sete dias normais, o grupo da caverna pensava que a experiência estava ainda no seu quarto dia. Esta defasagem cronológica foi aumentando até ao ponto em que o ciclo vigília-sono chegou a 27 horas de trabalho por 16 de descanso. Teoricamente, quando vinha o sono era "noite".

Mas, o ponto alto da expedição foi, sem dúvida, a descoberta da RedeTatus. Segundo palavras do próprio Geraldo Gusso " a descoberta das passagens para as novas galerias foi como uma iluminação do saudoso Mauro Stabile, seguida de outra luz no Peninha". Estes dois amigos, geólogos da USP e do CEU, com os quais tive o privilégio de explorar cavernas, partiram muito antes do combinado, bem como a bióloga Cecilia, e a eles dedico este relato.

Enquanto as emoções da descoberta iam tomando conta da equipe interna, nosso líder e grande chefe touro sentado, Oliva, dava as ordens do alto de sua cadeira desmontável, de lona (parecida com aquelas dos de cinema):

— Ivo e Ernesto, preciso de dois voluntários para ir até o cavalo buscar sacos de merda. Alguma objeção?

— Não senhor, Sr.

— Ótimo, foi o que pensei.

Para quem não conhece a caverna, o "cavalo" é uma formação calcária cuja aparência lembra a cabeça e o pescoço de um equino. Lá era o local combinado onde os dejetos eram depositados em sacos. Dali, eram transportados para fora e enterrados. Mas, não vivíamos só de trabalhos pesados não! Havia também momentos de lazer, como por exemplo: anotar dados no livro, fazer lista de itens faltantes e providenciá-los, fosse em Iporanga ou no Bairro da Serra! Não faltaram, é claro, os banhos de cachoeira e as descidas de bóias no rio Betari.

Quando foi anunciado por telefone o final de Tatus, a emoção tomou conta geral! Alguns estavam acabando de regressar da rede recém descoberta, outros se recusavam a acreditar que o término havia chegado. Quando se completaram os 15 dias da operação, a equipe

interna tinha contado apenas 9 dias! A TV estava lá para conferir (Plim Plim). Aliás, foi preciso bastante paciência para levar a equipe lá para dentro, carregando *spot lights* e pesadas baterias, sem falar nas pessoas, que nunca haviam entrado em caverna.

Saíram todos bem e foram direto para exames laboratoriais em São Paulo. O trabalho da expedição Tatus foi publicado em jornais e revistas da época, além de uma pequena cobertura na TV. Mas, o serviço ainda não havia terminado. Ainda faltava desmontar tudo aquilo e deixar a caverna como se nada tivesse ocorrido; programação para o final de semana seguinte! Quase ao final dos trabalhos, num lance onde eu havia passado "trocentas" vezes, levei um escorregão idiota, caindo "de peito" sobre uma pedra. Resultado: costela fraturada. Ossos da espeleologia!

Alguns meses depois, já recuperado, fui com o Beck conhecer a tal Rede Tatus. Fizemos uma excursão fotográfica por três dias. Avançamos pelo rio e no local correto, iniciamos a subida do paredão. Já no topo, após algumas fotos, íamos guardando o equipamento para prosseguir. Sérgio puxa um saco plástico e joga sua câmera Nikormat lá dentro. Foi a última vez que a vimos. O saco não tinha fundo e a câmera caiu, batendo pelo paredão, até sumir no fundo do lago escuro. O Beck disparou para baixo feito um raio, mergulhou de cabeça, tentando vencer a gravidade, mas sem sucesso. Felizmente, ele ainda tinha uma Leica de reserva e eu a minha velha Olympus. Ossos da fotografia!